

Para além da morte, o amor ...

Alfredo Naffah Neto

Este ensaio propõe uma interpretação singular da psicanálise, como ampliação gradativa da capacidade de acolhimento e elaboração de afetos/interpretações que permanecem sem digestão possível por parte do corpo/espírito.

Enzo é arquiteto e trabalha numa dessas grandes construtoras que emprestam a São Paulo a marca da grande metrópole. Inteligente e talentoso na profissão, demonstra grande zelo por esse emprego, pois é dele que tira o sustento próprio, da mulher e dos dois filhos num momento em que o país vive uma das piores crises econômicas dos últimos tempos e em que ele já passa dos quarenta e cinco anos. Impossível arrumar outro trabalho se vier a ser despedido, como viu acontecer com outros colegas, em inúmeras ocasiões.

Procurou análise há cerca de três anos e meio, trazido por uma crise de angústia ligada a essa questão: uma sensação de incompetência e um medo constante

de ser despedido, embora racionalmente se saiba competente e muito benquisto na firma. O que o trabalho analítico vem rastreando, já há algum tempo, são intensos processos de auto-ódio que atuam inconscientemente sob a forma de uma desqualificação perpétua de si próprio, algo na linha de um superego despótico e exigente, que ele associa ao perfeccionismo em que foi

Alfredo Naffah Neto é psicanalista, professor-titular no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, e autor de vários artigos e livros, entre eles: *O inconsciente como potência subversiva*, São Paulo, Escuta, 1992; *A psicoterapia em busca de Dioniso - Nietzsche visita Freud*, São Paulo, Escuta/Educ, 1994; *Nietzsche - a vida como valor maior*, São Paulo, FTD, 1996. Este artigo é uma revisão/ ampliação do trabalho apresentado no *I Congresso Internacional do Colégio de Psicanálise da Bahia*, Salvador, agosto de 1996.

educado, alegando que os pais “sempre quiseram o melhor para ele”. Com o desenvolvimento da análise, Enzo vem aumentando sua autoconfiança e capacidade de se afirmar nas diferentes situações de vida, na proporção em que vai conquistando mais amor-próprio. Isso vem sendo conseguido com a ampliação progressiva daquilo que poderíamos denominar - usando uma expressão nietzschiana - sua *envergadura interior*¹ e que lhe permite ir, gradativamente, acolhendo e elaborando o ódio, sem ter que projetá-lo alhures e vivê-lo sob a forma de um mundo persecutório. Mas toda vida é feita de idas e voltas. Foi numa dessas voltas - no episódio que relato a seguir - que Enzo se viu enlaçado e imobilizado por um acontecimento de trabalho e que sentiu, quiçá de forma mais crua, a presença da *morte* como aquela contraparte indissociável e inalienável dos processos vitais.

Tudo começou com a contratação, pela firma, de uma outra arquiteta para trabalhar com ele nos mesmos projetos. Logo instalou-se um clima de intensa competição, seguida pelas antigas inseguranças e medos de fracasso. A coisa piorou muito quando, ao voltar de férias, descobriu que a colega havia alterado um projeto desenvolvido por ele e quase em fase final e - o pior de tudo - que ela o fizera com o consentimento dos chefes, sob alegação de urgência de prazo e conseqüente impossibilidade de aguardar a sua volta. Então, foi como se a *morte* se instalasse na sua vida, num só lance e sem pedir licença: o desmanchamento desse território afetivo - representado pelo projeto e pela posição que até então ocupava na empresa - o mortificava ao extremo; sentia-se sem chão, despencando pelo vácuo de um abismo sem fim. Mais do que traição, invasão ou roubo, o que experimentava era um grande vazio instalado no seu corpo e consumindo as suas entranhas por den-

tro, como um câncer. Um ódio incomensurável o acossava, assustando-o não só pelo nível de intensidade com que o atravessava e arrebatava, como pela consciência evanescente da desproporção entre o evento desencadeante e o afeto produzido, nos raros momentos em

por fim, a impossibilidade de ele enfrentar a dor e o luto sem usar o ódio como mecanismo de defesa (pois é fato que perdeu, sim, a autoria e a última palavra na criação de um projeto mas, quiçá, talvez tenha perdido também, junto com o projeto, a *onipotência* de alguém

É preciso pensar a noção de recalque como uma experiência estrangulada para além ou aquém do experimentado e do representável.

que conseguia algum distanciamento crítico. “Por que e de onde vem tanto ódio?”, ele me perguntava, como se eu dispusesse de uma bola de cristal, “Afinal, era apenas um projeto!” Mas esses eram momentos fugazes; no momento seguinte, já submergia nas fantasias de vingança: então, imaginava-se discutindo com a colega, humilhando-a perante todos, lançando na cara de todos a sua incompetência, só capaz de brilhar às custas do talento alheio etc. Esses momentos iam e voltavam, o ódio lhe servindo como sustentáculo para esse gozo alucinado, ruminado e regurgitado como pela goela de um camelo.

O trabalho analítico pinçou, nesse período, alguns fios dessa meada: a desproporção entre a fragilidade vivida e os recursos reais do Enzo adulto-profissional-competente (afinal que personagem interno se sentia tão fragilizado e por quê?); a sustentação do seu valor próprio *exclusivamente* num espaço e objeto exteriores, dimensão objetiva do mundo visível, empírico (desconsiderando os recursos criadores subjetivos de que dispõe, todos invisíveis mas igualmente reais);

capaz de se situar para além dos limites do tempo cronológico e de ocupar dois lugares ao mesmo tempo: estar em férias e concluir um trabalho urgente). Pudemos perceber, então, que o ódio funcionava aí como o único afeto capaz de tirá-lo da impotência levando-o a ocupar, mesmo que imaginariamente, uma posição ativa e mascarando, assim, a dor com fantasias de vingança. Das associações emergentes, nesse período, talvez a mais importante tenha sido a lembrança de momentos em que se sente fluindo e criando, como que lançado na torrente de um rio, sem rumo nem direção, mas sentindo muito prazer; através dessa lembrança começou, mesmo que de forma insipiente, a sustentar a sua potência para além dos objetos perdidos, discriminando um real invisível subjetivo para além do visível objetivo instituído.

Contou-me, então, que logo após uma de nossas sessões, das mais difíceis, sentiu que precisava ficar sozinho por um tempo maior. Resolveu, então, não voltar ao trabalho e ir para o Parque do Ibirapuera caminhar; foi lá que passou toda a tarde, imerso nos seus

afetos, quiçá experimentando diferentes níveis de envolvimento/distanciamento na relação com aquele turbilhão que o assolava insistentemente. Percebeu, então, que algo se transformava lentamente: ao invés de um vazio/morte desdobrando-se em ódio, era um vazio/morte desdobrando-se em dor e desolação, como um campo de batalha, logo após o final de uma guerra, todo em destroços. E ele ficou lá, contemplando toda aquela ruína por um tempo indeterminado. Depois, veio-lhe a fantasia de que começava a limpar o campo, fazendo fogueiras funerárias para os mortos. Quando o dia terminou e voltou para casa a sensação de desolação era menor, mas não havia desaparecido; ela ainda foi e voltou diversas vezes nos dias seguintes, em diferentes graus de intensidade, até finalmente se desvanecer, num rumor quase imperceptível.

Depois disso, pôde reencontrar a colega e discutir as mudanças no projeto, defendendo os seus pontos de vista, fazendo prevalecer alguns deles, cedendo em outros. Mas a questão, agora, ficava restrita ao projeto; a persecutoriedade e o ódio haviam desaparecido e, com eles, a interpretação do episódio como algo de cunho estritamente *pessoal*. Ele, por sua vez, sentia que, nesse processo, aprendera a se amar e se respeitar um pouco mais.

Gostaria de utilizar esse fragmento de processo analítico para tecer algumas considerações. A primeira delas diz respeito à própria natureza do que eu entendo por psicanálise. A segunda, que se desdobra da primeira, procura tematizar o processo de acolhimento e elaboração da *morte* como movimento necessário para o advento do *amor*.

O que a análise de Enzo deixa entrever, em primeiro lugar, é o quanto a psicanálise, nessa vertente, é concebida e praticada como um processo de *acolhimento e elaboração de afetos* (ou de *afetos/interpretações*, se quisermos ser mais

rigorosos) e não como um processo de *revelação* de representações escondidas, esquecidas, recalçadas (se entendermos por esse termo algo que permanece inalterado através do tempo). Seguindo as pegadas de Monique Schneider no brilhante ensaio *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*², é possível interpretar o processo de rememoração, nos primórdios na psicanálise freudiana, como fundamental não só pelo *valor represen-*



tativo da lembrança que reintroduz no circuito da consciência mas também - e principalmente - pelo *afeto* ligado a ela que pode, então, ganhar expressão e voz ativa. Eu a cito:

“Se é o estupor que causa o traumatismo, pode-se diagnosticar, nesta experiência, concomitantemente uma falta de disponibilidade das representações e uma falta correlativa sobre o plano da orquestração emocional. A noção de excesso de afeto não bastaria para dar conta do bloqueio: o que paralisaria o sujeito não seria somente o fato de ter muito intensamente experimentado o que quer que seja, mas de tê-lo experimentado no escuro, tanto no escuro representativo quanto no

escuro afetivo. (...) *É a experiência de um estrangulamento que está além ou aquém do experimentado e do representável*. O afeto subjugado apareceria, então, menos como um afeto posto em conserva do que como um afeto impossível; antes de sonhar liquidá-lo, o essencial seria, então, permitir-lhe ver o dia. Um movimento precipitado de distanciamento, mesmo sustentado por uma enunciação verbal esclarecedora, somente reforçaria o estrangulamento; é normal que tal solução seja, segundo Freud, absolutamente ineficaz. *Não mais seria suficiente exumar o afeto como se desenterra uma olaria que permaneceu intacta sob os escombros, mas permitir-lhe tomar corpo, tomar o corpo, escapar à ameaça de aborto*. Talvez seja necessário ler nesse sentido o conselho de Freud: ‘despertar o afeto’ e não somente revelá-lo.”³

É exatamente nessa vertente que é preciso pensar a noção de *recalque*: como uma *experiência estrangulada para além ou aquém do experimentado e do representável*. Isso implica concluir que o processo psicanalítico não é nunca um desenterrar de representações intactas e imutáveis ou o mero reencontro entre afetos e representações meramente dissociados um do outro, ele é, mais do que tudo, *produção de um sentido que, por razões quaisquer, permanece, até então, abortado ou impossível; e isso tanto no nível da forma - visibilidade/dizibilidade - quanto do afeto*. Nesse sentido, a análise de Enzo encontra, justamente, a sua efetividade quando consegue ajudá-lo a criar *espaço psíquico para produzir o sentido da morte, como contraparte imanente à vida*, tanto no nível de um pensamento - nesse caso, a compreensão dos limites temporais e da finitude, implicados no acontecimento - quanto do *afeto* - acolhimento da dor e da desolação produzidos e elaboração do luto decorrente.

Mas é Nietzsche quem, talvez, possa encaminhar essa vertente de pensamento para o seu limite extremo, ao afirmar que sujeito e mundo possuem o mesmo estofo, que ambos se constituem pela luta, contínua e interminável, entre campos de forças, que, portanto, a realidade e o conhecimento que temos dela não constituem nunca um conjunto de *fatos* e de *sentidos* dados de uma vez por todas. Vai ainda além, ao afirmar:

“Contra o positivismo que permanece no fenômeno ‘há somente fatos’, eu objetaria: ‘não, justamente não há fatos, somente interpretações’. Nós não podemos constatar nenhum *factum* ‘em si’: talvez seja um não-senso querer esse gênero de coisa.(...) Na medida exata em que a palavra ‘conhecimento’ possui um sentido, o mundo é cognoscível: mas ele é *interpretável* de outra forma, ele não tem um sentido atrás de si, mas inúmeros sentidos: ‘perspectivismo’. São as nossas necessidades *que interpretam o mundo* : nossos instintos, o seu pró e o seu contra. Cada instinto é uma certa necessidade de dominação, cada uma possui sua perspectiva que gostaria de impor como norma a todos os outros instintos.”⁴

Nessa linha de pensamento são, pois, nossos *instintos* - ou nossas *pulsões* - que interpretam o mundo - pois Nietzsche não faz uma distinção clara entre os termos *Trieb* e *Instinkt* ⁵; de qualquer forma, importa ressaltar que, pulsões ou instintos, eles são postulados por Nietzsche como numerosos, múltiplos e sempre em luta, cada um deles tentando impor aos outros a sua interpretação de mundo como absoluta. Por outro lado, essas pulsões ou instintos, quando tomam forma e se articulam através de *corpos* , que se *afetam* mutuamente em seus *encontros* (como diria Espinoza), produzem *afecções* , tornam-se *afetos* . Assim, num outro fragmento, Nietzsche diz: “Não é necessá-

rio perguntar: ‘ *quem* , então, interpretar?’; ao contrário, o interpretar, em si próprio, enquanto forma da vontade de potência, existe (...) enquanto *afeto* ”⁶. Na análise de Enzo, essa afirmação ganha sentido se lembrarmos primeiramente como, na seqüência dos acontecimentos, o ódio forma-se enquanto *afeto* e, através do mesmo ato, desdobra-se em interpretação, ou seja, torna-se *afeto/interpretação* .

A realidade e o conhecimento não constituem fatos e sentidos dados de uma vez por todas.

Seguindo nossas análises anteriores, ao voltar das férias, Enzo é *afetado* pelo impacto da perda do projeto, transferido à sua colega. Se a experiência tivesse podido ganhar corpo, desenvolver-se e expandir-se, teríamos uma vivência de *dor* desdobrando-se na *produção do sentido da morte - vivida enquanto perda - como contraparte imanente da vida* , ou seja, o *afeto-dor* desdobrar-se-ia numa interpretação de mundo consonante com a possibilidade de acolher o acontecimento, elaborá-lo e ultrapassá-lo.

Isso não acontece, entretanto, em função da impossibilidade de Enzo *acolher* a experiência dolorosa e dar um *sentido* à dor, tal qual se efetiva enquanto *afeto* (o que quer dizer: tal qual *afeta* experencialmente o seu corpo/espírito⁷). Se recorrermos a Freud, diremos que o que se produz, aí, é um *recalque* ,

devido a um desprazer insuportável. Se pensarmos como Nietzsche, o matiz muda um pouco: postularemos uma ausência de *envergadura interior* suficientemente ampla para acolher e digerir a dor. De qualquer forma, a conseqüência imediata é a *transformação da dor em ódio* , antes mesmo que ela se efetive como *afeto* e *representação* (como diria Freud) ou como *afeto/interpretação* (como diria Nietzsche). O ódio passa a ser, então, o *afeto/interpretação dominante* .

A transformação da dor em ódio pode ser descrita como um mecanismo de defesa, capaz de transladar a subjetividade de uma posição *passiva* e *impotente* para uma posição *ativa* e *potente* , mesmo que seja num plano *imaginário* . Ou seja, a emergência do ódio tem por função produzir imediatamente um *objeto* imaginário passível de ataque e de incriminação. Obter alguém para culpar e atacar, *interpretá-lo* como *responsável* pelo acontecimento funesto, é uma forma de *projetar noutrem uma experiência que não encontra lugar dentro da envergadura subjetiva* , bem como de imaginar uma possibilidade, ainda que remota, de *reverter, anular, o estado de coisas vigente* (se o destino está “nas mãos” de alguém, então há chance de reversão). O ódio constitui, assim, um mecanismo de defesa associado à negação da realidade.

Também, ao deslocar o processo de um nível *subjetivo* para um nível *intersubjetivo* , a transformação da dor em ódio produz uma espécie de *fixação* do processo, através do *ressentimento* : enquanto que a dor, para ser vivida e digerida, necessita necessariamente de um *locus subjetivo* , de uma *solidão* produtiva, o ódio pode ser projetado e introjetado incessantemente, no *circuito intersubjetivo* . Isso produz um jogo interminável que, ao mesmo tempo, cria a ilusão de um sujeito potente e perpetua a interpretação

odiosa/odienta através do deslocamento constante do afeto de um lado para o outro. *Odiar/ser odiado* torna-se, então, o afeto reiterado como *ressentimento*. *Ser atacado, perseguido* e, conseqüentemente, *vingar-se* são as interpretações de mundo nas quais se desdobra⁸. Ocorre, entretanto, que a consciência do sujeito produz uma inversão de sentido capaz de justificar o seu desejo de vingança: ele se ima-

Freud e Nietzsche
ressaltam a morte
como parte
integrante da vida.

gina odiando e se vingando *porque* atacado e perseguido, quando, ao contrário, é o ódio quem produz a interpretação de ataque e de perseguição. Embustes da consciência.

Após essas considerações, talvez fique mais fácil justificar porque, dentro dessa perspectiva, a terapêutica psicanalítica consiste fundamentalmente num processo de favorecer ao sujeito a criação/ampliação de uma *envergadura interior*, capaz de acolher, digerir e transmutar os afetos/interpretações para os quais ele, normalmente, não dispõe de *enzimas analíticas*⁹. Ampliar o leque de afetos passíveis de serem acolhidos e digeridos significa, nesse sentido, ampliar a gama de *perspectivas* a partir das quais as *interpretações de mundo* podem se produzir. O que nos leva a conce-

ber, "... no lugar da 'teoria do conhecimento', uma *doutrina das perspectivas dos afetos* (da qual faz parte uma hierarquia dos *afetos*)", tal como queria Nietzsche¹⁰. Nessa ótica, é possível dizer que a função maior do analista é a *sustentação afetiva* do processo, através do *acolhimento da transferência e da contra-transferência e da sua elaboração afetiva/interpretativa*.

Também é possível dizer que essa envergadura interior vai-se ampliando na medida em que vai aumentando a capacidade de o sujeito acolher e viver a *morte*, como parte integrante da vida. Isso significa poder aceitar a *destruição e a construção de territórios afetivos* como sentidos *necessários* dentro do *mesmo* movimento de expansão vital. No caso de Enzo, por exemplo, a perda do projeto arquitetônico significou crescimento e expansão vital, na medida em que lhe possibilitou ampliar o seu espaço psíquico para acolher e digerir a experiência em questão, ultrapassando o apego narcísico à visibilidade (objeto de trabalho desejado, funcionando como espelho do ego) em direção à dimensão invisível do devir criador.

Freud, desde que postulou a existência de uma pulsão de morte, sempre considerou a saúde psíquica como o funcionamento conjunto e harmônico entre Eros e Tânatos, sob a dominância de Eros. Também Nietzsche, embora não trabalhe com esta dualidade pulsional, considera a morte como parte fundamental na produção da vida, em todos os níveis, desde o biológico. Cito Scarlett Marton, comentando esse aspecto do seu pensamento:

"Consistindo numa pluralidade de adversários, tanto ao nível das células, quanto dos tecidos ou órgãos, o corpo humano é animado por um combate permanente. Até o número dos seres vivos que o constituem muda sem cessar, dado o desaparecimento e a produção de novas células. No limite, a todo

instante qualquer elemento pode vir a predominar ou a perecer. Compreende-se então que 'a vida vive sempre às expensas de uma outra vida'[2 (205) do outono de 1885/outono de 1886], justamente por ser a luta o seu traço fundamental. Vencedores e vencidos surgem necessariamente a cada momento, de modo que 'nossa vida, como toda vida, é ao mesmo tempo uma morte perpétua'[37 (4) de junho/julho de 1885]."¹¹

Nesse sentido, aceitar a vida tal qual ela é implica, necessariamente, aceitar a morte como a sua contraparte necessária¹². Por outro lado, é somente essa reconciliação com o sentido pleno do viver - vida que se desdobra em morte, perda, destruição, com todas as dores que isso comporta e implica - que pode produzir a forma mais alta do que chamamos amor. O amor objetual de que nos fala a psicanálise descreve, sem dúvida, formas particulares e condicionais de amor, que constituem o cotidiano de nossa vida amorosa/sexual. Há, entretanto, uma forma mais elevada de amor que Nietzsche designa como *amor-fati* (= amor ao destino), onde a experiência de amar abarca a própria vida, na sua efetividade. Para atingi-la, entretanto, é preciso passar pela prova do eterno retorno:

"E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: 'Esta tua vida, assim como tu a viveste, terás que vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e cada suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de retornar, e tudo na mesma ordem e seqüência - e do mesmo modo essa aranha e esse luar entre as árvores, e do mesmo modo esse instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez - e tu com ela, poeirinha da poeira!' Não te

lançarias no chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou veste alguma vez uma instante descomunal, em que lhe responderias: 'Tu é um deus e nunca ouviste nada de mais divino!' Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta, diante de tudo e de cada coisa: 'Quero isso ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?', pesaria como o mais pesado dos pesos sobre o teu agir! Ou, então, como terias de ficar de bem contigo e com a vida, para não *desejar* nada *mais* do que essa última eterna confirmação e chancela?"¹³

A função maior do analista é a sustentação afetiva através do acolhimento transferencial e da interpretação.

O eterno retorno constitui, assim, o imperativo ético pelo qual todo homem tem que passar para poder referendar seu amor à vida e a si próprio. Ser bem sucedido nessa prova significa algo muito grandioso e difícil: "não querer nada de outro modo, nem para frente, nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo (...), mas amá-lo..."¹⁴ Fórmula do *amor fati*.

É possível que, para o homem comum, tudo isso cheire a uma certa utopia, apontando para uma realidade *sobre-humana*. Quem, de fato, é capaz desse tipo de amor? Na certa, alguns poucos, em alguns momentos privilegiados. No entanto, por menos freqüente que ele possa ser, na atualidade, isso não significa que não possa funcionar como uma espécie de horizonte para o qual converjam as nossas aspirações, no que diz respeito à saúde mental. Pois o advento do *amor ao destino* significa a instauração do *amor terreno* com tudo o que ele comporta de grandiosidade. Quem não aspira a isso, de alguma forma, nesses tempos em que a miséria e a violência mesquinha galopam de rédeas soltas por aí?

Uma coisa, entretanto, é segura. O acolhimento e elaboração da morte é caminho indispensável para o advento do amor, em qualquer uma das suas vertentes. Não uma garantia, mas, sem dúvida, uma condição necessária.

Há cerca de dois mil anos, o cristianismo postulava a crença de que, para além da morte, havia a vida eterna. Hoje, talvez seja preciso transformar essa fórmula e dar-lhe uma dimensão terrena, pois já sabemos, há algum tempo, que Deus está morto. No entanto, talvez ainda seja possível afirmar que, para além da morte, é possível encontrar algo: o amor. ■

NOTAS

1. A noção de *envergadura interior* aparece no prefácio ao volume I de *Humano, demasiado humano*, escrito em 1886 e Nietzsche a associava

às idéias de "saúde transbordante" e de "liberdade de espírito".

2. São Paulo, Escuta, 1994.
3. M. Schneider, op. cit., p. 26-27, grifos e revisão da tradução feitos por mim.
4. F. Nietzsche, Fragmento póstumo 7 (60), outono de 1885-outono de 1887, in *Oeuvres philosophiques complètes*, volume XII, Paris, Gallimard, p. 304-305.
5. Cf. P.-L. Assoun, *Freud & Nietzsche - Semelhanças e Desejamentos*, São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 93-125. É importante ressaltar que, ao contrário de Freud, Nietzsche não necessita diferenciar *Trieb* de *Instinkt*, pois para ele, há uma total interpenetração entre os níveis *fisiológico*, *afetivo* e *simbólico*, ou seja, cada célula mínima do corpo, ao mesmo tempo em que realiza funções fisiológicas, é capaz de *sentir*, *desejar*, *interpretar*. Nesses termos, a oposição freudiana relativa aos termos *Instinkt* e *Trieb*, geralmente ligada à referência ao fisiológico (necessidade) ou ao simbólico (desejo), para Nietzsche não se coloca.
6. Nietzsche, F. Fragmento póstumo 2 (151), outono de 1885-outono de 1886, in *Oeuvres philosophiques complètes*, volume XII, op. cit., p. 142.
7. A expressão *corpo/espírito*, que aparece diversas vezes neste texto, não implica qualquer dualismo de tipo cartesiano; apenas lembra o leitor de que o *espírito* (ou a *mente*, se se preferir) existe como um apêndice, um instrumento do *corpo*. Nos dizeres de Nietzsche, o *espírito* designa justamente a dimensão formada pelo sistema *linguagem/comunicação/consciência*, enquanto instrumento de *adaptação* do corpo ao mundo gregário; é a *pequena razão* que está sujeita à *grande razão do corpo/devir/inconsciente*. A opção ocasional pela expressão *corpo/espírito* - ao invés simplesmente de *corpo* (que aparece também em várias partes do texto e que, por si só, já dá conta do complexo aí envolvido) - tem, simplesmente, um cunho analítico-descritivo.
8. Harold Searles, num ensaio intitulado "La psychodynamique du désir de vengeance" (in *L'effort pour rendre l'autre fou*, Paris, Gallimard, 1977), considera o *desejo de vingança* como uma defesa contra o *luto* e/ou a *angústia de separação*, o que vai de encontro às minhas considerações neste ensaio, quando postulo o *ódio* e o *desejo de vingança* como defesas frente à *vitência de morte*.
9. *Enzimas analíticas* fazem referência ao *processo digestivo*, normalmente usado por Nietzsche como paradigma para designar a *elaboração e transformação de quaisquer experiências vitais*. O termo *enzimas* designa, aqui, as chaves afetivo-simbólicas necessárias para que a experiência seja decodificada, digerida e assimilada; o termo *analíticas* faz referência ao processo de análise: divisão e decomposição necessárias à transformação da experiência, para que ela possa ser assimilada na sua parte nutritiva, necessária à expansão do corpo/espírito e expelida nos seus resíduos tóxicos, inúteis e prejudiciais à economia da vida.
10. Nietzsche, F. Fragmento póstumo 9 (8), outono de 1887, in *Oeuvres philosophiques complètes*, vol. XIII, op. cit., p. 22.
11. S. Marton, "Nietzsche: consciência e inconsciente", in F. Knobloch, (org.), *O inconsciente - várias leituras*, São Paulo, Escuta, 1991, p. 32-33.
12. Harold Searles (op. cit., p. 282) chega a considerar que ... "a esquizofrenia é uma defesa para não reconhecer a inexorabilidade da morte (entre outros aspectos angustiantes da realidade interior e exterior, contra os quais a esquizofrenia é também uma defesa)".
13. F. Nietzsche, *A Gaia Ciência*, aforismo 341, in *Nietzsche - Obras Incompletas*, trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo, Abril, 1978, p. 208.
14. F. Nietzsche, *Ecce Homo*, "Por que sou tão esperto", aforismo 10, in *Nietzsche - Obras Incompletas*, op. cit., p. 374.